

Inicio

Ponencias

Mesa 1

Mesa 2

Mesa 3

Málaga

23, 24 y 25
de octubre
de 2014

The Discovery of Industrial Lisbon: Two distinct realities

• SUSANA DOMINGUES, SANDRA MARQUES

Nota introdutória: objetivos

“Talvez a idade das invenções técnicas mais importantes já tenha passado. A glória dos séculos XIX e XX reside no mundo técnico excecional que nos transmitiram...”

(LACROIX, 1997: 166)

O presente projeto criado no cerne da renascida APAI¹ - Associação Portuguesa de Arqueologia Industrial pretende abordar o turismo como uma das formas de gestão e salvaguarda do património cultural bem como as problemáticas daí inerentes. Este estudo preliminar incide essencialmente na importância do interesse social (consciência e sensibilização pela fragilidade e importância do Património) e do seu consequente desenvolvimento a partir da cultura patrimonial e do turismo. Ao longo do corpo do trabalho problematiza-se e apresenta-se energeticamente algumas sugestões para uma melhor gestão e salvaguarda do património cultural, nomeadamente por meio de roteiros/visitas de turismo cultural industrial pela cidade de Lisboa incidindo essencialmente sobre os dois grandes núcleos industriais: Alcântara e Oriente.

A Industrialização Portuguesa e a cidade de Lisboa: Zona de Alcântara e do Oriente.

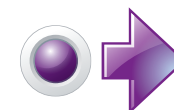
O século XIX foi marcado por consequências destrutivas das invasões francesa, pela ausência da família real que partira para o Brasil. Os efeitos negativos de uma regência britânica e uma descentralização da capital acentuaram a crise económica e política. Em 1820 dá-se a Revolução Liberal e até à década de 40 a Guerra Civil Portuguesa. Este processo dificultou seriamente um desenvolvimento coerente da cidade de Lisboa. Na primeira metade do século este desenvolvimento decorre de uma forma bastante lenta. Todavia depois de 1840 e posteriormente a de 1850 uma nova estabilidade é implantada pelas figuras de António Bernardo da Costa Cabral, Marquês de Tomar nomeado Ministro da Justiça pela Rainha D. Maria II e de Fontes Pereira² (MARQUES, 2009).

Abstract

The intangible heritage connected to various industries of Lisbon from the nineteenth and twentieth centuries is part of the city's collective memory. Cultural tours constructed from the research on ancient skills and techniques of the old workers provide a direct link between the industrial heritage and the public. It is expected that the tours of industrial heritage on the axis between Alcântara (industrial community of Lisbon) and eastern city part (Xabregas-Olivais-Oriente) include visits to the old factories and workers' neighborhood and museums resulting from the decommissioning of many of these plants.

Keywords: Industrial Heritage, Industrial Architecture, Culture Technique, Intangible Heritage, Museology

1. A APAI constituiu-se como associação destinada ao estudo da arqueologia industrial e à proteção e salvaguarda do património industrial, em 1986. A APAI transformou-se numa das mais significativas associações culturais do universo do associativismo português, entre 1986 e a primeira década do século XXI, para além do seu lugar pioneiro e criador no âmbito do património industrial. Em 28 anos de atividade, construiu um legado que contribuiu, quer na defesa do Património industrial quer na transmissão de saberes. Como muitas associações de defesa do património, sofreu uma profunda crise interna que apenas foi resolvida pelo Movimento de Refundação da APAI, do início do ano de 2014, que colocou à frente desta Associação uma nova direção



Inicio

Ponencias

Mesa 1

Mesa 2

Mesa 3

Málaga

23, 24 y 25
de octubre
de 2014

The Discovery of Industrial Lisbon: Two distinct realities

• SUSANA DOMINGUES, SANDRA MARQUES

Foram feitos investimentos em obras públicas e privadas o que de certa forma facilitou o implemento de novos equipamentos e tecnologias associados à Revolução Industrial dos transportes: elevadores, caminhos-de-ferro e fábricas. Com a inauguração da estação de caminhos-de-ferro ao porto da estação de Santa Apolónia, em 1864 bem como a introdução em Lisboa da linha de “Americanos”, em 1873, os limites da cidade de Lisboa são redefinidos, alargando-se o perímetro urbano. O aparecimento da nova estrada da circunvalação em 1852 que nascida em Alcântara, passava pelos Prazeres, Campolide, Picoas e o Alto de S. João, facilitou o acesso à Cidade de Lisboa e marcou uma nova fase de crescimento da cidade suportado pelos novos meios de transporte (MARQUES, 2009).

O presente projeto procura dar a conhecer o processo de industrialização da cidade em dois momentos distintos, no tempo e no espaço. Se, por um lado, a industrialização de Lisboa durante o século XIX acompanha a malha urbana e de certa forma estimula o seu crescimento. Por outro, como defende (FOLGADO, 2013), as indústrias do século XX (sobretudo a partir dos anos 40, 50) são concebidas com novas preocupações. A saber: urbanismo, arquitetura e saneamento. Quer isto dizer que a partir de vários eventos, entre os quais se destaca, a Exposição do Mundo Português (1940) e o II.º Congresso da Ordem dos Arquitetos (1948) Lisboa passa a acompanhar as tendências europeias e norte americanas (dos anos 30 do século XX), ainda que com 40 anos de atraso.

O Vale de Alcântara é hoje, detentor de uma posição central na atualidade obtida após a sua integração na mancha urbana durante o seu processo de crescimento. Perceber a sua génese desde a Revolução Industrial, momento fundamental da formação de Alcântara, que marcou a sua identidade (em meados do século XIX) até ao progressivo desaparecimento das indústrias, permite-nos compreender a ascensão da zona do Oriente (meados do século XX) bem como a situação atual de ambos os territórios (MARQUES, 2009).

A década de 40 do século XX é marcada, no nosso país, pela reconstrução mas também pelo avanço do processo de industrialização. As leis nº 2002 (1944) e 2004 (1945) irão permitir a criação de infraestruturas de base como é o caso da eletricidade e do abastecimento de água mas estas cedo se vão revelar insuficientes. O país carecia de uma cultura técnica e

também por isso, a industrialização será feita tardiamente e com alguns interregnos.

O processo de industrialização levado a cabo pelo Estado Novo evidenciado alguns aspetos práticos como a arquitetura, a técnica ou a geografia. A adesão ao plano Marshall bem como a aplicação dos diferentes planos de fomento irão dar à zona oriental da cidade um cunho industrial que até então se observava no bairro de Alcântara.

Na segunda metade do século XX, enquanto o bairro de Alcântara se tornou numa zona de forte potencial turístico, ainda que mantendo uma atmosfera do seu passado industrial, a zona do Oriente manteve a sua identidade industrial até à inauguração da Exposição Universal de Lisboa (1998). Hoje, ambos, herdeiros do plano urbanístico de Etienne de Groer³ (1934-1948) adquiriram novas funções: Alcântara tornou-se numa zona residencial mas sobretudo de comércio e lazer e o Oriente numa zona residencial e de serviços.

Emergência da Arqueologia Industrial

A sociedade industrial emergente ao longo do século XVIII criou um novo paradigma civilizacional. As diferentes fases da industrialização, apresentadas por Lewis Mumford (1895-1990), deixaram marcas evidentes no território. Estes vestígios materiais revelam um modo *modus operandi* que importa identificar, conhecer e salvaguardar. É com estes objetivos que a arqueologia industrial surge em meados do século XX. No período pós IIª Guerra Mundial as questões relacionadas com o património industrial começam a ganhar importância. Será desta forma que o conceito das “coisas banais” – defendido por Daniel Roche (1998) - passa a fazer parte da definição de património. Como resultado temos hoje um conjunto diversificado de iniciativas em torno da arqueologia industrial: instituições de ensino, legislação, investigação e uma crescente e diversificada bibliografia.

Património Cultural Industrial

Podemos de modo simples definir *património* como aquilo que herdamos dos nossos antepassados. No caso do património cultural é um triângulo perfeito entre passado (o que herdamos), presente (como o tratamos) e futuro (o que deixamos às gerações vindouras). Se por um lado, “herdar” pressupõe o direito a essa herança, por outro lado cria também o dever de proteger, valorizar e a integrar esse “legado” para que ele possa continuar a

2. Ministro Das Obras públicas (1851) Fontes Pereira de Melo aumentou o número de estradas, construiu o primeiro troço dos caminhos-de-ferro, que ligava Lisboa ao Carregado, iniciou a construção de outros dois caminhos-de-ferro (Vendas Novas e Sintra) e montou a primeira linha telegráfica. Além dessas obras, iniciou a revolução dos transportes e das comunicações inaugurando carreiras regulares de barcos a vapor, os serviços postais e as redes telefónicas

3. (1882 - ?)



Inicio

Ponencias

Mesa 1

Mesa 2

Mesa 3

Málaga

23, 24 y 25
de octubre
de 2014

The Discovery of Industrial Lisbon: Two distinct realities

• SUSANA DOMINGUES, SANDRA MARQUES

fluir naturalmente no futuro. Uma forma recente de proteção poderá ser feita a partir da divulgação turística que incide no património cultural edificado; daí, nasce o interesse do turismo pelo património histórico, mas também pela cultura material (museus); sítios arqueológicos visitáveis. No entanto é de referir que o património imaterial, como é o caso do fado, ou do “saber-fazer”, complementa todo um jogo envolvente entre o lúdico, o lazer, a diversão e o enriquecimento cultural do turista, reanimando interesses e dando a conhecer novos pólos de atração a todos os que dele quiserem usufruir.

Turismo Industrial como arma de sustentabilidade cultural?

“A linguagem da salvaguarda manifesta-se também na valorização, na promoção cultural e turística, como testemunham os inumeráveis escritos, comentários, narrações, descrições, reportagens, publicações que são dedicadas às riquezas do mundo natural ou cultural.” (LACROIX, 1997:149)

O turismo define-se como um conjunto de atividades realizadas por indivíduos durante as suas viagens e estadias em diferentes lugares daqueles onde habitam, por um determinado período de tempo. O turismo é indispensável nos nossos dias e atingiu um lugar de destaque na sociedade a nível global, sendo que as suas origens, enquanto definição atual, remontam ao *Grand Tour* dos nobres ingleses do séc. XVIII. Na sequência da Revolução Industrial, com os avanços nos meios de transporte e acessibilidade dos vários locais entre si, foram criadas as condições que possibilitaram as deslocações com o objetivo de lazer, bem como de motivos sociais e culturais. O Turismo industrial subentende a visita aos mais diversos locais de uma História mais recente, como estruturas fabris ou mineiras. Não apenas o lugar, mas a técnica e a indústria de outrora são importantes, bem como as memórias ainda presentes e a identidade que dá as populações locais. O turismo industrial também tem outra vertente que é a visita de fábricas ou empresas ainda no ativo e não apenas as desativadas (objetos arqueológicos industriais). Em notável expansão esta nova versão do turismo industrial não só do ponto de vista da cultura morta como da cultura ativa (do que ainda está em funcionamento) adquire cada vez mais notoriedade. É neste contexto que o presente projeto se reveste de suprema importância.

Programas nacionais de turismo patrimonial industrial

Passamos a mencionar alguns trabalhos desenvolvidos nesta área - património industrial - em Portugal.

O projeto de turismo industrial de São João da Madeira “tem por missão

a projeção nacional e internacional do município de S. João da Madeira e consolidação e promoção da sua dimensão turística ligada à indústria, potenciando o desenvolvimento económico e social, a bem da qualidade de vida dos cidadãos.”⁴ Dispõe de um *welcome center* (instalado na da antiga fábrica da *Oliva*) onde é possível obter informações sobre o turismo industrial em S. João da Madeira bem como dos circuitos pelo património industrial. Este projeto foi pioneiro em Portugal (surgiu em 2012) e conjuga as indústrias do calçado, chapelaria, lápis e etiquetas. Este é, por ventura, um dos projetos nacionais onde existe uma sinergia bem-sucedida entre as várias indústrias e o poder local.

Sines – Turismo Industrial Sustentável é uma iniciativa que arrancou em Setembro de 2014 e que é promovida pelo Sines Tecnopolo (uma incubadora de empresas), envolvendo, numa primeira fase, a Galp Energia. A Câmara Municipal de Sines patrocina o projeto que conta com uma visita à refinaria de Sines, um exemplo por excelência do processo de industrialização do país.

Os Circuitos Industriais da Marinha Grande constituem um outro projeto de turismo industrial que envolve dez fábricas, um centro tecnológico e um museu e que abrange três sectores da economia local: do vidro, dos moldes e dos plásticos. A funcionar à cerca de um ano procura, à semelhança de outras iniciativas acima mencionadas, potenciar a indústria emergente local e nacional.

A Rota do Património Industrial do Vale do Ave surgiu em 2006 com o objetivo de dar a conhecer e divulgar o património e indústria têxtil existente na região. Promovida pela Adrave (Agência de Desenvolvimento Regional do Ave) e cofinanciada no âmbito do Programa Operacional da Região Norte procurava fomentar a bacia do Ave com um produto turístico. Esta iniciativa contava com a participação dos seguintes municípios Cabeceiras de Basto, Fafe, Guimarães, Mondim de Basto, Póvoa de Lanhoso, Trofa, Santo Tirso, Vieira do Minho, Vila Nova de Famalicão e Vizela. Esta rota integrava a visita a um conjunto de cerca de 24 unidades industriais e pré-industriais da região.

A rota do património industrial Tons do Mármore tem como missão promover o espólio marmóreo do Anticlinal de Estremoz. Desde 2013 que o convite é feito a todos os que se interessam por este património: “venha descobrir o ouro branco do Alentejo”. Esta iniciativa reúne os municípios do Alandroal, Borba, Estremoz, Sousel e Vila Viçosa em roteiros que variam entre o meio-dia e os três dias.

4. Consultado a 1 de Setembro de 2014. Disponível em <http://www.turismoindustrial.cm-sjm.pt/>



Inicio

Ponencias

Mesa 1

Mesa 2

Mesa 3

Málaga

23, 24 y 25
de octubre
de 2014

The Discovery of Industrial Lisbon: Two distinct realities

• SUSANA DOMINGUES, SANDRA MARQUES

À parte destas iniciativas mais ou menos apoiadas pelo poder local e com a indústria residente, existem pequenas iniciativas isoladas que procuram promover o património industrial bem como as indústrias emergentes. São disso exemplos os municípios de Braga, Oeiras ou Guimarães.

Rede Portuguesa e Europeia de Turismo Industrial

Durante o 4.º Congresso Europeu do Turismo Industrial, decorrido em S. João da Madeira, em 2014, foram lançadas as bases para a constituição da Rede Portuguesa de Turismo Industrial. Esta tinha como objetivo o reconhecimento e promoção do turismo industrial português. Das conclusões deste congresso fez também parte a criação da Rede Europeia de Turismo Industrial. Neste âmbito, foi criado um órgão consultivo que permitisse um debate científico e técnico permanente. Desta organização participam Espanha, França e Portugal e ainda como quadros académicos e especialistas o Reino Unido, Alemanha, República Checa, Holanda e Itália.

O presente projeto procura dentro deste contexto contribuir para a promoção das Redes Portuguesa e Europeia de Turismo Industrial; seguindo os preceitos desenvolvidos no final do 4.º Congresso Europeu do Turismo Industrial: “deve evitar-se que grandes polos de atração turística – cuja sustentabilidade é difícil de manter - possam eclipsar projetos de Turismo Industrial mais modestos, mas de confirmado valor cultural e pedagógico.”⁵

Roteiros Industriais: Alcântara-Oriente

Os roteiros culturais industriais procuram, após cuidada seleção de locais de interesse, numa determinada região, interligar entre si, numa visita ou itinerário, as várias atrações culturais e patrimoniais. Contribuem assim para a dinamização social, cultural e económica de determinada área geográfica.

O presente projeto traduz-se na dinamização de roteiros geográficos pelo património industrial e tem como objetivos: sensibilizar o grande público para os vestígios industriais; convocar as memórias de quem esteve, quer pela proximidade geográfica, quer pelos laços familiares, ligado às indústrias; promover a salvaguarda do património industrial; fomentar o turismo industrial; fomentar a interpretação destes monumentos fabris.

MENDES (2013) defende as vantagens da salvaguarda e reutilização de estruturas no âmbito do património industrial: a preservação de “pedaços” da memória das populações, reforçando a sua identidade e valorizando a história, tanto a nível nacional como local”; a solidez; os espaços e a loca-

lização dos vestígios numa perspetiva social e económica; por último, “a manutenção de instalações integradas em centros urbanos (...) contribuirá para impedir que se edifiquem estruturas, em betão, de dimensões excessivas como não raro se tem verificado.”

A presença constante de um mediador cultural nestes roteiros industriais será fundamental para a identificação de aspetos técnicos, arquitetónicos, históricos e sociais do processo de industrialização do país. Assim, serão usados ao longo das visitas plantas, alçados, fotografias ou ilustrações que permitam melhor salientar a relevância daquele equipamento industrial. Adicionalmente, será entregue um desdobrável com um pequeno roteiro. Este terá a identificação dos vários imóveis visitados durante aquele percurso: a sua designação, o seu tipo de indústria, datas de laboração e o arquiteto e engenheiro responsáveis, a partir de um mapa/carta onde se encontram localizados.

O público-alvo é constituído por especialistas em arqueologia industrial, património industrial, processos de industrialização do país; estudantes de património, arqueologia, história e turismo; população ligada à realidade industrial; interessados.

Os roteiros têm uma duração variável entre a uma hora e as três horas. As distâncias percorridas estão calculadas entre os 2 e os 4 quilómetros. Os grupos terão uma dimensão entre as 12 e os 25 participantes. Estes roteiros terão uma periodicidade semanal, alternando entre o eixo de Alcântara e o eixo do Oriente durante o primeiro ano.

No segundo ano pretendemos que esta iniciativa se alargue a toda a margem sul do rio Tejo. Entenda-se, os municípios de Almada, Seixal, Barreiro. No terceiro ano, pretendemos que seja possível dinamizar roteiros industriais em toda a grande Lisboa, compreendendo os concelhos de Sacavém, Loures e Vila Franca de Xira.

Para uma melhor execução dos objetivos acima propostos será necessário estabelecer várias parcerias com Juntas de Freguesia, Câmaras Municipais, Antigas Casas de Pessoal e grupos de amigos, na senda de relembrar ao poder local a importância destas temáticas, por um lado, e de envolver as populações direta ou indiretamente ligadas ao processo de industrialização do país.

Memórias de Indústria

Segundo a Carta de NIZHNY TAGIL (2003) “ (...) estes valores do património industrial intrínsecos aos próprios sítios industriais, às suas estruturas, aos seus elementos constitutivos, à sua maquinaria, à sua paisagem industrial, à sua documentação e também aos registos intangíveis contidos na

5. Consultado a 9 de Setembro de 2014. Disponível em <http://www.cm-sjm.pt/18339>



Inicio

Ponencias

Mesa 1

Mesa 2

Mesa 3

Málaga

23, 24 y 25
de octubre
de 2014

The Discovery of Industrial Lisbon: Two distinct realities

● SUSANA DOMINGUES, SANDRA MARQUES

memória dos homens e das suas tradições.” Neste sentido, como referido anteriormente, é propósito deste projeto fazer uma recolha das memórias direta e indiretamente ligadas ao património industrial. Para tal calcula-se que no espaço de um ano poderão, eventualmente, realizar-se pequenas sessões, em parceria com as Juntas de Freguesia, Câmara Municipal, antigas casas de pessoal e associações recreativas o registo em vídeo das memórias de antigos funcionários e familiares ligados às unidades industriais abordadas nos roteiros.

Roteiros Alcântara

Alcântara é rica em evidências do passado, sendo um lugar cultural de excelência nos tempos modernos o que nos permite obter um verdadeiro then and now em alguns casos bem-sucedido noutros casos, as perdas são irreversíveis. Este roteiro procura dar uma visão da industrialização da zona de Alcântara do século XIX a partir de alguns exemplos arquitetónicos que persistiram adquirindo novas funções na contemporaneidade.

Este roteiro está previsto ter uma duração de aproximadamente uma hora durante a qual será percorrido um quilómetro em linha reta. Tem, por isso, um nível de dificuldade de fácil.

Assim, apesar de estarem já previstas várias variantes deste roteiro, dada a excepcional variedade cultural de possibilidades, optou-se por agora num tipo de roteiro com quatro paragens distintas que, por um lado, traduzem de modo positivo o antes e o depois e, por outro, sintetizam a história industrial da região:

1- Museu da Carris

Como referimos anteriormente a cidade de Lisboa desenvolveu-se e cresceu em parte devido ao ritmo de evolução dos transportes públicos que facilitaram os acessos. Fundada em 1872 a Companhia de Carris de Ferro de Lisboa contribuiu com elevadores/ascensores, elétricos e autocarros para uma Lisboa mais desenvolvida, pelo que nos parece adequado começar a visita numa Alcântara oitocentista pelo museu que enaltece os meios de transporte. Iniciada uma visita às suas instalações é possível viajar no tempo observando todo um vastíssimo património móvel industrial, desde carruagens a trajes de época.

O emblemático Museu da Carris sito na Rua 1º de Maio nº. 101 marca o início desta viagem, funcionando simultaneamente como ponto de partida e como local de palestra para a visita que se segue. Ainda dentro das instalações do museu surge um primeiro momento *Then and Now* que se destaca dentro do complexo: *Village Undergroud Lisboa*. Um espaço único desenvol-

vido e frequentado por inúmeros artistas, onde nascem diariamente projetos *workshops*, exposições. É um local de convívio que se mistura no tempo deste roteiro e onde será dada toda a informação necessária para a visita.

2- Fábrica de Santo Amaro da Companhia de Fiação e Tecidos Lisbonense

A Companhia de Fiação e Tecidos Lisbonense foi uma unidade fabril criada em 1839, situada em Lisboa cedo se afirma como crucial na industrialização da capital, já que foi uma das maiores fábricas da cidade durante o século XIX. Instala-se em Alcântara a partir de 1849 com uma área industrial monumental de cerca de 23 000 m². Foi posteriormente ocupada pela Companhia Industrial de Portugal e Colónias, Tipografia Anuário Comercial de Portugal e pela Gráfica Mirandela.

Esta parte da cidade que permaneceu nas “sombras” durante imenso tempo foi recentemente devolvida à comunidade pelo novo nome de *LXFAC-TORY*. Um segundo momento *Then and Now*. Uma ilha criativa mesmo no centro de Lisboa, ocupada por empresas de profissionais das mais variadas áreas, palco de concertos, eventos e exposições de moda, música, arte, *design*, arquitetura. Um local privilegiado de lazer que volta a trazer este espaço à atualidade. Aqui vive-se uma atmosfera industrial a cada passo fomentada pela arquitetura industrial envolvente mas também pela vida do espaço que lembra o seu apogeu. Um local do nosso passado acessível a todos, onde podemos projetar um futuro para todos.

3- Companhia União Fabril - C.U.F

Fundada em 1865 com sede em Lisboa dedicou-se principalmente à produção de sabão, velas, óleos e massa de purgueira. A sua unidade industrial localizada em Alcântara fora montada em 1857 pelo Visconde da Junqueira. Em 1881 a “Fábrica União Fabril” empregava cerca de 133 trabalhadores.

Contrastando com os dois exemplos anteriormente referidos este é um exemplo onde a exceção da arquitetura exterior em banda e de uma chaminé todo o complexo industrial foi destruído. A velha chaminé de tijolo que anuncia “Aubos químicos” visitada neste roteiro é o único vestígio visível e de destaque da antiga fábrica. No seu lugar surgiu um condomínio habitacional. Esta paragem fomenta o processo de consciência do visitante.

4- Fábrica Napolitana

Esta fábrica, situada na Travessa Teixeira Júnior nº.1, era um conjunto industrial do início do século XX que estava inserido na grande fase de afirmação da indústria moageira em Portugal. Construída em 1908 é em 1926



Inicio

Ponencias

Mesa 1

Mesa 2

Mesa 3

Málaga

23, 24 y 25
de octubre
de 2014

The Discovery of Industrial Lisbon: Two distinct realities

• SUSANA DOMINGUES, SANDRA MARQUES

adquirida pela Companhia Industrial de Portugal e Colónias mantendo-se no ativo até à década de 70 do século XX. Esta obra arquitetónica é da autoria de Vieillard & Touzet cujos vários edifícios complementares formam um quarteirão: fábrica de massas, moagem, silos e casa das máquinas. Durante a visita apenas é possível observar o edifício pelo exterior já que atualmente serve como sede dos escritórios do grupo Auchan. Outro exemplo não tão dramático como o anterior já que conserva o edifício, no entanto para uso privado, vedado ao público, o que de certa forma resulta numa usurpação de um património de interesse público⁶.

De reconhecida importância histórica e arquitetónica industrial a escolha deste espaço, neste roteiro, essencialmente oitocentista, prende-se com o facto das instalações industriais da Napolitana serem já novecentistas e por conseguinte, esta última paragem prepara o visitante para um próximo roteiro, nessa outra realidade, na cidade e no tempo.

Roteiros Oriente

Este segundo itinerário procura dar seguimento à divulgação dos processos de industrialização do país no decorrer do século XX. Se anteriormente nos concentrámos em evidenciar a requalificação dos equipamentos, neste roteiro procurámos enfatizar o papel do Estado Novo na tardia modernização industrial do país. Para tal, abordámos aspetos práticos como a arquitetura, a técnica ou a geografia. Assim, elegemos a Av. Marechal Gomes da Costa como um eixo fundamental (dentro da zona dos Olivais, Marvila, Sacavém) para a compreensão dos fenómenos que se vão efetivar, sobretudo, ao longo da década de 50 na cidade de Lisboa e arredores.

A oriente da Praça do Comércio, muitas evidências industriais foram, entretanto, demolidas; outras encontram-se abandonadas e até mesmo vandalizadas (são disso exemplos a empresa e oficinas do Baptista Russo ou a antiga cantina da Sacor). Desta forma, optámos por escolher estruturas que fossem possíveis de visitar por dentro ou que tivessem um papel preponderante no processo de industrialização.

Este roteiro tem uma duração média de duas horas e irá percorrer cerca de um quilómetro e meio. Têm, por isso, uma classificação de dificuldade nível médio.

1. DIALAP/ DIAMANG

O atual edifício-sede da Rádio e Televisão de Portugal, S.A. (desde 2004) albergou durante os anos 60 do século XX a sede da indústria de Lapidação

de Diamantes. Este conjunto de edifícios tinha uma função industrial, administrativa e social. Cessou a sua atividade na década de 90 e ente 1994 e 1998 foi ocupado pela administração da Exposição Mundial de 1998, Lisboa. Não está classificado.

No que toca à arquitetura, este paradigmático volume paralelepípedo, perpendicularmente colocado à via pública, impõe à cidade propriedades de um funcionalismo moderno contemporâneo de Le Corbusier (1887-1965). Este edifício é composto por três corpos articulados (produtivo, administrativo e de controle). Um escada interna separa os diferentes espaços funcionais: a ala onde se processavam as várias fases da lapidação dos diamantes e toda a área de escritórios e administrativa, que se distribuem pelos vários pisos. Assente no declive natural do terreno, este edifício construído em betão armado é rematado na cobertura por escultóricas pirâmides truncadas, lembrando diamantes lapidados.

Os arquitetos Carlos Manuel Ramos (1922-2012) e António Teixeira Guerra assinaram a obra sendo o projeto de 1960-66.

2. FAPAE - Fábrica Portuguesa de Artigos Elétricos

Propriedade da “Philips Portuguesa, S.A.R.L.” esta unidade fabril é inaugurada em 1953. Pensada para o fabrico anual de quatro milhões de lâmpadas elétricas, montagem de aparelhos radioelétricos, eletroacústicos, de telecomunicações e de electromedicina, a arquitetura desta fábrica é da autoria do arquiteto Porfírio Pardal Monteiro (1897-1957).

De resto, a relevância da FAPAE no panorama nacional da industrialização prendeu-se com a “(...) utilização de equipamento moderno, de uma técnica atualizada e de mão de obra qualificada (...)” (FOLGADO, 2013).

Dos planos da FAPAE fizeram também parte a produção de ampolas de vidro para lâmpadas elétricas. Este aspeto veio a condicionar não só a escolha da localização da nova fábrica como também que a sua construção fosse faseada de modo a controlar os encargos. Por outro lado, foi possível conjugar num mesmo espaço várias produções dispersas pelo país. A saber: vidro na Marinha Grande; lâmpadas elétricas em Lisboa; ampolas para lâmpadas em Aveiro.

A construção do edifício é em betão armado tanto na estrutura geral como para a cobertura dos edifícios. Resumindo, “Pardal Monteiro não se encontrava na fase experimental do modernismo, centrou a sua atenção na pesquisa de inovações construtivas adaptadas aos edifícios fabris (semi abóbadas em betão armado)” (FOLGADO, 2013).

Atualmente, o edifício encontra-se encerrado.

6. Classificação: I.I.P., Decreto Nº 31/83 de 9 de Maio



Inicio

Ponencias

Mesa 1

Mesa 2

Mesa 3

Málaga

23, 24 y 25
de octubre
de 2014

The Discovery of Industrial Lisbon: Two distinct realities

• SUSANA DOMINGUES, SANDRA MARQUES

3. Laboratórios do Instituto Pasteur de Lisboa

Em 1958 foram inauguradas as instalações dos “Laboratórios do Instituto Pasteur de Lisboa”, nos Olivais. O projeto, à semelhança da DIALAP, foi também da responsabilidade de Carlos Manuel Oliveira Ramos. De resto, este pode ser considerado um dos pioneiros da arquitetura moderna em Portugal. Mais tarde o Instituto viria a ser comprado pela multinacional Wyeth mas, em 1994, a empresa abandona estas instalações nos Olivais. O imóvel é então vendido à Sides, empresa detentora da Universidade Independente. Nessa altura, o prédio terá sofrido uma obra de requalificação para acolher as aulas que decorreram naquelas instalações, entre 1996 e 2007. Atualmente, o edifício está encerrado.

Esta construção marca a evolução da arquitetura da segunda metade do século XX, pois é uma das obras mais expressivas da arquitetura moderna, numa vertente funcionalista. Com formas geométricas simples, integra-se perfeitamente dentro dos cânones da arquitetura internacional da época. Foram, por exemplo, aplicados alguns princípios inovadores, como por exemplo, acentuar a orientação solar do edifício em detrimento ao tradicional alinhamento com a rua (ou seja, na linha da arquitetura orgânica de expressão nórdica).

Pela primeira vez um imóvel com características industriais foi distinguido com o Prémio Valmor de 1958.

No início do século XX, o Instituto conhece vários laboratórios e expositores no centro da cidade de Lisboa para venda de material cirúrgico assim como aparelhos e instrumentos para laboratórios de química, bacteriologia e farmácia.

O “Instituto Pasteur de Lisboa” foi fundado por Virgínio Leitão Vieira dos Santos, em 1898. No início apenas importava produtos do “Institut Pasteur” de Paris, que entretanto tinha sido fundado sete anos antes, sendo depositário de todos os soros e vacinas do “Institut Pasteur” e do “Instituto de Vacinacion Animal” de Paris, comercializando igualmente leveduras selecionadas de todos os vinhos portugueses e estrangeiros, artigos de higiene, leites puros esterilizados e medicinais.

Continuação do Projeto: Rota das Indústrias

À descoberta da Lisboa Industrial: duas realidades distintas é um projeto-piloto e por esse motivo pretendemos que este seja alargado ao território nacional. Neste sentido, estamos a desenvolver um projeto complementar - Rotas das Indústrias - que numa primeira fase pretende desenvolver visitas mensais a diferentes núcleos de património industrial português. No espaço de três anos pretendemos que seja possível desenvolver roteiros industriais

em qualquer destes pontos de forma continua. É disso exemplo, o concelho de Mértola e o seu património mineiro ou o concelho da Covilhã e o seu património ligado aos lanifícios.

Conclusão

Para o próximo ano (2015), foi definido como desafio olhar o seu património industrial como uma fonte de riqueza. O desenvolvimento deste projeto desde já é uma das respostas possíveis a este desafio.

Este é um projeto ambicioso, com diferentes parceiros, abrangente no tempo e no espaço. Visa colocar a cidade de Lisboa, no mapa da rota europeia do património industrial, para que Portugal possa ficar a par dos seus congéneres europeus. Pretende-se contribuir com este projeto para a salvaguarda do património Industrial no âmbito de uma política de turismo sustentável. Assim, poderá também fomentar o desenvolvimento regional alimentando uma economia sustentada e próspera.

Bibliografia

- BARATA, M. F. (2002) - “Algumas reflexões sobre património”, *Património. Estudos*, n.º3. Lisboa: IPPAR, pp. 100-105.
- BARATA, M. F. (2004) - “A salvaguarda dos bens culturais e o ordenamento do território: Um passivo e um futuro”, *Património. Estudos*, n.º6, Lisboa: IPPAR, pp 12-19.
- CUSTÓDIO, J. (coordenação científica) (2012) - *100 Anos de Património. Memória e Identidade. Portugal 1910-2010*, 2.ª edição, Lisboa: IGESPAR, 2012, pp.261-340.
- CUSTÓDIO, J. (1994), “Reflexos da Industrialização na Fisionomia e Vida da Cidade” *In* MOITA, Irisalva (coord.) - *O Livro de Lisboa, Lisboa: Livros Horizonte*, pp. 435-492.
- CUSTÓDIO, J. (2008) – ““A bem da nação”. A tecnologia do frio industrial na conservação de alimentos. O caso dos armazéns frigoríficos do bacalhau do porto de Lisboa” *In* Deolinda Folgado... [et al] *Museu do Oriente: de armazém frigorífico a espaço museológico / textos e investigação* Lisboa: Fundação Oriente, pp. 24-47.
- CUSTÓDIO, J.; FOLGADO, Deolinda (1999) – *Caminhos do Oriente*. Lisboa: Livros Horizonte.
- FOLGADO, D. (2013) – *A Nova Ordem do Estado Novo*. Lisboa: Livros Horizonte.



The Discovery of Industrial Lisbon: Two distinct realities

• SUSANA DOMINGUES, SANDRA MARQUES

LACROIX, M. (1999) - *O Princípio de Noé ou a Ética da Salvaguarda*. Lisboa: Piaget.

MARQUES, B. (2009) – *O vale de Alcântara como caso de estudo- evolução da morfologia urbana*. Dissertação de mestrado. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa.

FOLGADO, D. (2005) – “O levantamento da arquitectura industrial moderna em Portugal”. In *A Arquitectura da Industria 1925-1965* Registo DOCOMOMO Ibérico. Barcelona: Fundação DOCOMOMO pp.

FOLGADO, D. (2008) – “A caixa do frio artificial. A conformação de um lugar na Lisboa dos anos 40. In Deolinda Folgado... [et al] *Museu do Oriente: de armazém frigorífico a espaço museológico / textos e investigação*. Lisboa: Fundação do Oriente.

Legislação

Lei n.º 2002, da Electrificação do País, Diário do Governo, I Série, 26 de Dezembro de 1944.

Lei nº 2004, Fomento e Reorganização Industrial, Diário do Governo, I Série, 14 de Março de 1945

Webgrafia

MENDES, J. A. - *O património industrial na museologia contemporânea: o caso português*. Disponível em:
<http://www.ubimuseum.ubi.pt/n01/docs/ubimuseum-n01-pdf/CS3-mendes-jose-amado-o-patrimonio-industrial.pdf>
(consultado a 6 de Setembro 2014)

ROCHE, D. (1998) - *Historia Das Coisas Banais. Teorema*.

Disponível em:

<http://www.turismoindustrial.cm-sjm.pt/>

<http://www.cm-sjm.pt/18339> e www.ua.pt/ReadObject.aspx?obj=30840

(consultado a 7 de Setembro de 2014)